

# CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E “THE DANGER OF A SINGLE STORY”: UM ESTUDO SOBRE O PERIGO DOS ESTEREÓTIPOS

**ANA MARIA CASSIANO MORATO\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 13 maio 2019. Aprovado em: 26 set. 2019.

Como citar este artigo: MORATO, A. M. C. Chimamanda Ngozi Adichie e “The danger of a single story”: um estudo sobre o perigo dos estereótipos. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 3, p. 34-44, set./dez. 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n3p34-44

## Resumo

Os estudos culturais nos dão a possibilidade de observar e analisar os acontecimentos que estão à nossa volta de uma maneira mais humana. Isso posto, pretendemos investigar neste artigo, sob a ótica de autores como Stuart Hall, Nestor Canclini e Homi Bhabha, a nossa tendência de criar estereótipos sobre lugares, povos, culturas, entre outros, a partir de uma única história que nos é contada. Além disso, abordaremos a influência da globalização nisso, uma vez que, por meio dela, ocorre uma movimentação no mundo, ou seja, as pessoas saem de seus países de origem por razões diversas. Analisaremos esses fatos a

---

\* E-mail: [anacmorato@yahoo.com.br](mailto:anacmorato@yahoo.com.br)  
 <https://orcid.org/0000-0002-0338-982X>

partir da palestra “The danger of a single story” (“O perigo da história única”) proferida pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

## Palavras-chave

Adichie. África. Estereótipo.

Na palestra proferida pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie – “The danger of a single story” (“O perigo da história única”) –, podemos observar como criamos os estereótipos – nos quais, muitas vezes, acreditamos – que estão na nossa imaginação a partir daquilo que lemos, aprendemos e, com frequência, é vendido pela mídia. Logo no início, a autora nos conta como fora influenciada pelos livros que leu ao compartilhar sua história, pois os livros que ela lia eram, na sua maioria, de autores britânicos ou norte-americanos. As histórias que Adichie (2009) criava, ainda criança, eram sempre com personagens que não se pareciam com ela, mas sim com as histórias a que tinha acesso: “todas as minhas personagens eram brancas e de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o clima, em como era agradável quando o sol aparecia”.<sup>1</sup> Esse cenário contrastava com o que ela e as outras pessoas do seu país, de fato, faziam: “Não tínhamos neve, comíamos mangas e nunca falávamos sobre o clima, porque não havia necessidade para tal” (ADICHIE, 2009).<sup>2</sup>

Nesse trecho, é possível fazermos um paradoxo com a nossa celebração do Natal no Brasil, pois em dezembro é verão, mas, ainda assim, montamos árvores (normalmente pinheiros) de Natal e a enfeitamos com bolinhas coloridas, e a neve, muitas vezes, se faz presente. O nosso Papai Noel também aparece em trajes nada apropriados para o verão que temos nessa época do ano. Essa influência norte-americana se dá porque os Estados Unidos, ao longo dos anos, tornaram-se uma grande potência e uma referência não somente econômica, mas também tecnológica. Por causa do modelo econômico característico do capitalismo, passamos a consumir os produtos desse país, desde tecnologia até costumes, cultura etc.

1 Todas as citações foram traduzidas pela autora do artigo. “[...] *all my characters were white and blue-eyed, they played in the snow, they ate apples, and they talked a lot about the weather, how lovely it was that the sun had come out.*”

2 “*We didn’t have snow, we ate mangoes, and we never talked about the weather, because there was no need to.*”

Isso posto, podemos observar os prós e os contras desse movimento. De um lado, temos as vantagens da globalização, pois há a possibilidade de aprendermos uma nova língua, uma nova cultura, o acesso à informação ficou mais rápido, temos a oportunidade de conhecer uma nova gastronomia e as viagens se tornaram mais acessíveis. De outro lado, alguns aspectos da nossa cultura vão se adaptando e até se perdendo ao longo desse processo. Mas como podemos definir a globalização? Definir a globalização não é uma tarefa tão simples quanto possa nos parecer, uma vez que ela retrata não somente um mundo “flexível”, onde temos a impressão de que as distâncias diminuíram, mas também um movimento cultural que faz com que as diferenças culturais, muitas vezes, se fundam principalmente por conta das imigrações que ocorrem no mundo de hoje por diversas razões. Segundo Mato (1996 *apud* CANCLINI, 2007, p. 2): “A globalização, mais do que uma ordem social ou um processo único, é resultado de múltiplos movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, que implicam diversas conexões ‘local-global’ e ‘local-local’”.

Ainda sobre o assunto, Ortiz (1997 *apud* CANCLINI, 2007, p. 2) afirma que, muitas vezes, não conseguimos chegar a um consenso em relação a um conceito sobre a globalização e se ela é positiva ou não:

Ainda que essa distinção conceitual e histórica me pareça convincente, sabemos que não há consenso internacional e transdisciplinar sobre a questão. Também se discute se o processo deve ser denominado “globalização” ou “mundialização”, diferença que não apenas distingue quem escreve em inglês ou francês, mas que tem de ver com divergências conceituais.

Em sua palestra, Adichie nos conta ainda como ela percebeu que estava lendo e escrevendo sobre assuntos com os quais não se identificava e ficou surpresa de como era muito mais fácil encontrar livros de escritores estrangeiros do que de africanos na África. Foi lendo escritores nigerianos como Chinua Achebe e Camara Laye que ela descobriu uma nova literatura, uma literatura em que podia se reconhecer nas histórias e ser a protagonista, e não apenas uma espectadora: “Percebi que pessoas como eu, garotas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava rabo de cavalo, podiam existir na literatura também. Comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia” (ADICHIE, 2009).<sup>3</sup>

3 *“I realized that people like me, girls with skin the color of chocolate, whose kinky hair could not form ponytails, could also exist in literature. I started to write about things I recognized.”*

A partir dessas histórias africanas, ela foi “salva” da ideia de que livros têm uma única história, ou seja, nem todas as histórias tratam de pessoas brancas de olhos azuis, mas sim de pessoas, independentemente de cor e/ou raça, experiências etc.

A autora afirma ainda que ela própria tinha uma única história em relação a uma família que a mãe dela sempre dizia que era pobre. Lembra como ficou surpresa ao ir à casa deles num final de semana e ver uma bela cesta de rafia que a mãe de Fide (seu amigo) tinha feito, pois nunca havia imaginado que ela era capaz de produzir uma cesta como aquela, uma vez que tudo o que sabia sobre eles se resumia à pobreza: “A pobreza deles era a minha única história sobre eles” (ADICHIE, 2009).<sup>4</sup> Anos depois, no período em que estudou nos Estados Unidos, ela visitou Guadalajara no México e percebeu, mais uma vez, em si mesma, o “perigo” de se ter uma única história ou acreditar apenas nela. Na sua visita ao México, ficou admirada ao ver como as pessoas levavam uma vida parecida com o que dizemos “normal”: “Eu me lembro de andar em Guadalajara no meu primeiro dia, vendo as pessoas indo para os seus trabalhos, enrolando tortilhas no mercado local, fumando, sorrindo. Eu me lembro de sentir uma leve surpresa” (ADICHIE, 2009).<sup>5</sup> A história que Adichie tinha dos mexicanos era a de que todos eram imigrantes e estavam tentando entrar, de alguma forma, nos Estados Unidos e que não havia a possibilidade de existirem mexicanos que, simplesmente, não queriam sair do próprio país e que estavam satisfeitos com a vida que levavam. Porém, quantos de nós não temos nossa única história em relação a algo que julgamos diferente? O fato de dizer a palavra “diferente” já coloca a nossa perspectiva diante de algo como se os “nossos” costumes e “nossa” cultura fossem o “padrão” e os do outro estivessem fora desse modelo. Essas histórias únicas que criamos a partir das nossas perspectivas são sempre em relação do Eu com o Outro. Para Bhabha (1998, p. 76):

[...] a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito da ordem diferenciadora da alteridade.

4 “*Their poverty was my single story of them.*”

5 “*I remember walking around on my first day in Guadalajara, watching the people going to work, rolling up tortillas in the marketplace, smoking, laughing. I remember first feeling slight surprise.*”

Quantos estereótipos, por exemplo, o Brasil sofre? País do Carnaval, país do futebol, entre outros. Muitas dessas referências aparecem e são reforçadas no desenho norte-americano *The Simpsons*, especificamente no episódio “Os Simpsons vão para o Brasil” (BLAME, 2002). Nele podemos ver o personagem Homer Simpson (o patriarca da família) jogando futebol no aeroporto, há macacos na praia em que eles estão etc. Não necessariamente os estereótipos são uma mentira, mas sim pejorativos e se referem a uma única verdade, e nos cegam para as outras verdades e/ou histórias que um mesmo lugar, cultura ou pessoas nos contam. Em relação aos estereótipos, Adichie (2009) pondera: “Uma única história cria estereótipos, e o problema dos estereótipos não é que eles sejam uma mentira, mas são incompletos. Eles fazem uma história se tornar única”.<sup>6</sup> Ou seja, o Brasil do Rio de Janeiro não é o mesmo Brasil de uma São Paulo, de uma Bahia etc. Somos vários “Brasis” dentro de um só.

Assim, como não estamos livres de criarmos estereótipos em relação ao outro, Adichie, ao morar em um dormitório de uma universidade dos Estados Unidos com uma colega de quarto, pôde sentir na pele o “perigo” de se ter uma única história em relação a algo. A autora nos conta que sua colega ficou desapontada ao saber que a “música tribal” que ela ouvira era da cantora norte-americana Mariah Carey. Estranhou também o fato de Adichie falar inglês muito bem, provavelmente porque ela (a colega de quarto) não sabia que na Nigéria o inglês é língua oficial, e achou que a escritora não sabia usar um fogão. O que sua colega de quarto sabia era apenas uma história sobre a África, uma história de tragédias e desastres (de muitos tipos), onde os africanos vivem em aldeias, não têm acesso à escola, são pobres, dependem da “misericórdia” de voluntários para terem uma vida melhor, entre outras “histórias”, e, nessa única história, a possibilidade de uma semelhança entre elas se tornava impossível. Para ilustrarmos esse fato, fiquemos com este trecho:

Minha colega de quarto tinha uma única história da África: uma história de catástrofe. Nessa única história, não havia nenhuma possibilidade de os africanos serem iguais a ela de forma alguma, nenhuma possibilidade de um sentimento mais complexo que a pena, nenhuma possibilidade de conexão humana como iguais (ADICHIE, 2009).<sup>7</sup>

6 “The single story creates stereotypes, and the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story.”

7 “My roommate had a single story of Africa: a single story of catastrophe. In this single story, there was no possibility of Africans being similar to her in any way, no possibility of feelings more complex than pity, no possibility of a connection as human equals.”

A questão do estereótipo está atrelada à perspectiva que o Outro tem de nós, e, a partir desse olhar do Outro, temos a possibilidade de nos vermos através desse olhar externo, e é justamente ao fazer essa conexão de olhares que pode haver um choque de “identidades”, pois passamos a enxergar coisas em que nunca tínhamos parado para pensar antes. É importante destacar que a identidade é construída também pelas diferenças e diversidades e por meio delas. Segundo Gay e Hall (2003, p. 4):

Aceita-se que as identidades nunca são unificadas, e, nos tempos modernos, elas estão num crescente processo de fragmentação e divisão, nunca singular, mas multiplamente construídas por meio das diferenças que são, frequentemente, discursos, práticas e posições cruzadas e antagônicas. Todos são assuntos para uma representação radical histórica e estão constantemente em processo de mudança e transformação.<sup>8</sup>

Identificamos isso na palestra da Adichie (2009) quando ela afirma:

Devo dizer que antes de eu ter ido aos Estados Unidos, não me identificava, conscientemente, como africana. Mas nos Estados Unidos, sempre que o assunto África surgia, as pessoas se voltavam para mim. Pouco importava se eu não sabia nada sobre lugares como Namíbia, mas passei a aceitar essa identidade nova e, de muitas formas, passei a pensar sobre mim mesma como africana.<sup>9</sup>

Conforme mencionado anteriormente, às vezes, é difícil não criarmos estereótipos ou, até mesmo, não tornarmos verdadeiros aqueles já existentes, pois, ao repetirmos e reforçarmos essas únicas histórias, estaremos contribuindo para que elas se tornem uma verdade: “É assim que se forma uma única história, mostre às pessoas uma única coisa, como se fosse a única versão daquela história, repetidas vezes, e é isso que elas se tornarão” (ADICHIE, 2009).<sup>10</sup>

8 “It accepts that identities are never unified and, in late modern times, increasingly fragmented and fractured, never singular but multiply constructed across different, often intersecting and antagonistic, discourses, practices and positions. They are subject to a radical historicization, and are constantly in the process of change and transformation.”

9 “I must say that before I went to the U.S., I didn’t consciously identify as African. But in the U.S., whenever Africa came up, people turned to me. Never mind that I knew nothing about places like Namibia. But I did come to embrace this new identity, and in many ways I think of myself now as African.”

10 “So that is how to create a single story, show a people as one thing, as only one thing, over and over again, and that is what they become.”

No texto de Canclini, também fica claro para nós como, muitas vezes, validamos os estereótipos já existentes. O autor relata que, em uma conversa num restaurante italiano em Edimburgo, depois de ter conversado em inglês com o garçom descobriu que ele era mexicano e que tinha morado um período em Los Angeles, e eis que, nessa conversa, o garçom diz o seguinte:

[...] em Los Angeles (as pessoas) “são cosmopolitas, mas nem tanto porque muitos grupos só se veem entre eles. Encontram-se nos locais de trabalho, mas depois cada um volta para a casa, para o seu bairro.” E concluía que “o capitalismo é segregador”. De quando em quando, repetia que “os judeus são os mais poderosos nos Estados Unidos”. Sobre “os negros”, afirmava que “acreditam muito nos seus heróis, mas o que os enfraquece é o sentimento de serem tão discriminados. São fortes só na música”. “Quanto a nós, mexicanos, nosso maior problema é que, para fazer qualquer negócio, precisamos beber”. Seus juízos mostravam que a simples acumulação multicultural de experiências não gera automaticamente hibridação, nem compreensão democrática das diferenças (CANCLINI, 2007, p. 54).

Ou seja, ter conhecimento de muitos lugares e diferentes culturas não significa que iremos compreender a diversidade do mundo em que vivemos, principalmente se ficarmos presos aos estereótipos. Isso posto, Adichie nos mostra, sob a ótica de um professor universitário em relação ao seu romance, a questão de se ter uma única história sobre algo a partir de um comentário feito por ele mesmo. A autora nos conta que esse professor identificou um dos romances escrito por ela como um romance “autenticamente não africano”, pois os personagens eram, em sua grande maioria, muito parecidos com ele. Em relação a isso, podemos observar que, para esse professor, parecia não existir uma história de pessoas bem-sucedidas na África, pelo menos não era essa a imagem que ele tinha dos africanos. Sobre isso Adichie (2009) diz:

[...] um professor universitário uma vez me disse que meu romance não era “autenticamente africano”. [...] De fato, eu não sabia o que autenticidade africana significava. O professor me disse que as personagens eram muito parecidas com ele: homem educado de classe média. Meus personagens dirigiam carros e não estavam morrendo de fome, logo não eram autenticamente africanos.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> “[...] a professor, who once told me that my novel was not ‘authentically African’. [...] In fact, I did not know what African authenticity was. The professor told me that my characters were too much like him, an educated and middle-class man. My characters drove cars. They were not starving. Therefore they were not authentically African.”

Diante disso, Adichie, ao longo de sua fala, coloca-se no lugar dessas pessoas, citadas por ela na palestra, que a estereotiparam por conta de terem uma única história sobre a África, com o intuito de entender o porquê de elas terem pensado todas aquelas coisas em relação a ela. Sobre isso, Adichie (2009) explica:

Então, depois de ter passado alguns anos nos Estados Unidos como uma africana, comecei a entender a reação dos meus colegas de quarto em relação a mim. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu soubesse sobre a África fosse por meio de imagens populares, eu também acharia que a África é um lugar com paisagens e animais bonitos, de pessoas incompreensíveis que lutam guerras sem sentido algum, de pessoas que morrem na pobreza e de Aids, incapazes de falarem por si mesmas, que estão esperando ser salvas por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos da mesma forma que eu, quando era uma criança, via a família de Fide.<sup>12</sup>

Adichie (2009) trata ainda da questão do “poder”, pois, quando falamos de estereótipos, é impossível não falarmos de poder, uma vez que é isso que transforma aquela única história que temos em algo definitivo:

É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra em Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder no mundo: *nkali*. Trata-se de um substantivo que é mais ou menos traduzido como “ser superior ao outro”. Como o nosso mundo político e econômico, as histórias também podem ser definidas pelo princípio de *nkali*: como essas histórias são contadas, quem as conta, quando elas são contadas, quantas histórias são contadas, tudo depende muito do poder. O poder é a habilidade de não somente contar uma história sobre uma outra pessoa, mas também de torná-la definitiva.<sup>13</sup>

12 “So, after I had spent some years in the U.S. as an African, I began to understand my roommate’s response to me. If I had not grown up in Nigeria, and if all I knew about Africa were from popular images, I too would think that Africa was a place of beautiful landscapes, beautiful animals, and incomprehensible people, fighting senseless wars, dying of poverty and AIDS, unable to speak for themselves and waiting to be saved by a kind, white foreigner. I would see Africans in the same way that I, as a child, had seen Fide’s family.”

13 “It is impossible to talk about the single story without talking about power. There is a word, an Igbo word, that I think about whenever I think about the power structures of the world, and it is ‘nkali’. It’s a noun that loosely translates to ‘to be greater than another’. Like our economic and political worlds, stories too are defined by the principle of nkali: How they are told, who tells them, when they’re told, how many stories are told, are really dependent on power. Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person.”

O intuito de Adichie, com essa palestra, não é fechar os olhos para as tragédias que acontecem na África, mas, principalmente, mostrar que há sempre outras histórias e que precisamos olhar para elas também. Somente dessa forma quebraremos o ciclo dos estereótipos:

É claro que a África é um continente cheio de catástrofes, como os estupros terríveis e deprimentes no Congo, o fato de cinco mil pessoas se candidatarem a uma única vaga na Nigéria. Mas há outras histórias que não são de catástrofes e que são muito importantes. [...] A consequência de uma única história é: ela rouba as pessoas da dignidade. Ela torna difícil o nosso reconhecimento de uma humanidade de igualdade. Enfatiza como somos diferentes em vez de enfatizar como somos parecidos (ADICHIE, 2009).<sup>14</sup>

No final, Adichie faz várias considerações que levam a refletir sobre o quão diferente teria sido sua viagem para Guadalajara se ela mesma tivesse sabido antes dos dois lados da história dos imigrantes mexicanos nos Estados Unidos e como teria sido sua convivência com a colega de quarto se esta tivesse conhecido outras histórias da África, além das “clichês” que já sabia. Para tanto, Adichie levanta várias perguntas ao final de sua palestra sobre como teriam sido essas experiências, para responder a elas em seguida nos contando “outras histórias” da África. Para ilustrar esses acontecimentos, fiquemos com alguns trechos da palestra:

E se minha colega de quarto soubesse sobre um escritor nigeriano, Muhtar Bakare, um homem extraordinário que deixou seu emprego num banco para seguir seu sonho e começar a publicar seus livros em casa? E se minha colega de quarto soubesse sobre minha amiga Funmi Ivanda, uma mulher destemida que apresenta um programa de TV em Lagos, e está determinada a contar as histórias que nós preferimos esquecer? E se minha colega de quarto soubesse sobre um procedimento médico no coração que foi feito no hospital de Lagos na semana passada? (ADICHIE, 2009).<sup>15</sup>

14 “Of course, Africa is a continent full of catastrophes: There are immense ones, such as the horrific rapes in Congo and depressing ones, such as the fact that 5,000 people apply for one job vacancy in Nigeria. But there are other stories that are not about catastrophe, and it is very important, it is just as important, to talk about them. [...] The consequence of the single story is this: It robs people of dignity. It makes our recognition of our equal humanity difficult. It emphasizes how we are different rather than how we are similar.”

15 “What if my roommate knew about my Nigerian publisher, Muhtar Bakare, a remarkable man who left his job in a bank to follow his dream and start a publishing house? Now, what if my roommate knew about my friend Funmi Ivanda, a fearless woman who hosts a TV show in Lagos, and is determined to

Como já mencionado, precisamos, de alguma forma, quebrar o ciclo dessas histórias “únicas” que nos são contadas ou seremos apenas repetidores daquilo que já sabemos sobre um lugar, um povo ou uma cultura. Ao longo da palestra, é como se ela própria nos fizesse um convite para que passemos a olhar de maneira diferente para as pessoas à nossa volta, tentando, de fato, conhecê-las e não ficarmos presos aos “nossos” estereótipos que nos dão a falsa ideia de que já as conhecemos. Estereótipos geram preconceito e preconceito gera a falta de respeito pelo outro, quando generalizamos qualquer ideia que se tenha de algo ou alguém, não estamos lhes dando a oportunidade de serem ouvidos e enxergados como realmente são. Não estamos lhes dando a oportunidade de nos contar suas histórias, aquelas que não nos são contadas:

As histórias importam. Muitas histórias importam. Muitas histórias têm sido usadas para desapropriar e difamar, mas as histórias também podem ser usadas para dar poder e humanizar. As histórias podem tirar a dignidade das pessoas, mas elas também podem restituí-la (ADICHIE, 2009).<sup>16</sup>

Adichie (2009) termina a palestra com a seguinte mensagem: “quando rejeitamos a história única, quando percebemos que não há uma história única sobre um lugar, nós recuperamos, de certa forma, o paraíso”.<sup>17</sup> Essa mensagem reitera que os estereótipos que criamos a partir de uma “única” história nos dão uma visão muito limitada daquilo que está à nossa volta, o que nos deixa apenas com o externo e afasta o principal: o interno. Sobre esse tema, os estudos culturais contribuem para que não somente deixemos de criar estereótipos ou acreditar neles, mas também para nos tornarmos conscientes da existência deles e tentarmos ao menos evitar que a repetição e as crenças em relação ao outro continuem, pois é a partir da repetição que algo se torna uma verdade. Cada vez que repetimos, afirmamos e reafirmamos que tal fato é verdadeiro, não há nenhuma possibilidade de ele ser pensado de outra forma.

---

*tell the stories that we prefer to forget? What if my roommate knew about the heart procedure that was performed in the Lagos hospital last week?”*

16 “Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity.”

17 “[...] when we reject the single story, when we realize that there is never a single story about any place, we regain a kind of paradise.”

# Chimamanda Ngozi Adichie and “The danger of a single story”: a study about the danger of stereotypes

## Abstract

Cultural studies are a field that gives us the possibility of observing and analyzing what it is happening around us in a more humanistic way. This present article aims to observe in the lecture how people, in general, have the tendency of creating stereotypes of places, peoples, cultures and so forth, through a single story that we were told. Also, how globalization may influence in it, since it is known that the world is in a constant movement and it is possible to observe people leaving their own countries for different reasons. Stuart Hall, Nestor Canclini and Homi Bhabha are the chosen authors to make this analysis possible. All of these elements will be analyzed in the lecture called “The danger of a single story” made by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie.

## Keywords

Adichie. Africa. Stereotype.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. The danger of a single story. 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 18 abr. 2019.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANCLINI, N. G. A globalização: objeto cultural não-identificado. In: CANCLINI, N. G. *A globalização imaginada*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 41-59.
- GAY, P. du; HALL, S. *Questions of cultural identity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 2003.
- BLAME it on Lisa. Oregon: Fox Entertainment, 2002. 1 vídeo (22 min.). Publicado pelo canal João Batista. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Ai9FCCdJQc&t=4s](https://www.youtube.com/watch?v=_Ai9FCCdJQc&t=4s). Acesso em: 15 abr. 2019.